

LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: DISCURSOS VEICULADOS POR REPRESENTAÇÕES DE RELAÇÕES ENTRE GÊNEROS

Ariovaldo Lopes Pereira¹

Rafaela Débora Barbosa Dias²

Maurício Gabriel Santos³

COMUNICAÇÃO ORAL

GT: Língua e literatura estrangeiras

Resumo

O presente trabalho tem como proposta o relato de resultados de pesquisa desenvolvida no programa de Iniciação Científica cujo objetivo principal foi analisar formas de representação das relações de poder nas relações entre gêneros em livros didáticos de língua inglesa para o ensino fundamental indicadas no Guia do Livro Didático do PNL/LE/2011. A análise teve como base teórica os princípios da Análise de Discurso Crítica (ADC) e os conceitos de termos-chave tais como gênero, discurso e ideologia. O estudo aqui relatado foi conduzido através de pesquisa qualitativa, bibliográfica e de caráter documental, uma vez que os livros didáticos analisados são considerados documentos que não apenas registram tópicos e conteúdos a serem ministrados em sala de aula, mas também expressam concepções e crenças sobre o que é ensinar e aprender e a eficácia de determinada(s) metodologia(s). Além disso, nesses manuais de ensino se fazem presentes, de forma explícita e/ou implícita, concepções de mundo e visões da realidade social que constitui e ao mesmo tempo é constituída por práticas sociais expressas em discursos veiculados nas mais variadas formas e por meio de diferentes suportes. A conclusão é de que nas formas de representação das relações entre gêneros nos livros didáticos analisados geralmente predomina a veiculação de discursos ideológicos que não contribuem para a inclusão e a promoção da igualdade entre os gêneros; ao contrário, essas representações acabam por reforçar e corroborar visões de mundo comuns em sociedades como a brasileira, em que ainda circulam discursos genrerados e sexistas, ou seja, geradores de discriminação e propulsores de desigualdades entre os gêneros.

Palavras-chave: livro didático; políticas públicas; diversidade sexual.

¹ Doutor em Linguística Aplicada (UNICAMP). Professor da Universidade Estadual de Goiás/Anápolis e da UniEVANGÉLICA. E-mail: arylopes_br@yahoo.com.

² Graduada em Letras Português e Inglês (UniEVANGÉLICA). Professora da rede pública estadual de Goiás. Atuou como aluna-bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: rafaelagall@hotmail.com.

³ Graduado em Letras Português e Inglês pela UniEVANGÉLICA. Mestrando em Educação, Linguagem e Tecnologias na Universidade Estadual de Goiás/Anápolis. Atuou como aluno-pesquisador voluntário. E-mail: mauricioipub@hotmail.com.

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as relações de poder que permeiam de forma explícita e/ou implícita as representações de relações entre gêneros (masculino e feminino / homem e mulher) presentes nos livros didáticos de língua inglesa utilizados nas escolas brasileiras e os efeitos dessas representações na formação de alunos e alunas.

A relevância da presente investigação está no fato de buscar fornecer dados que contribuam para uma melhor compreensão das realidades social e educacional brasileiras, as implicações de uma na outra, além de oferecer pistas para uma utilização do livro didático de maneira adequada aos princípios do ensino reflexivo e crítico proposto por linguistas aplicados, pedagogos e cientistas sociais conscientes e comprometidos com os aspectos políticos do ensino em geral e do ensino de língua estrangeira, em particular.

Com este estudo, pretende-se aprofundar a reflexão acerca do ensino de língua estrangeira no Brasil, através da análise das relações de poder presentes nessa sociedade, os fatores sob os quais estão alicerçadas, como são retratadas no livro didático e seus efeitos na formação de alunos e alunas. Para tanto, foram analisados conteúdos de livros didáticos a que são expostos os aprendizes, elementos centrais no processo de ensino-aprendizagem, no sentido de contribuir para uma ação consciente e eficaz por parte desses sujeitos.

Objetivos

Visando contribuir para a adoção de uma atitude crítica e comprometida com o desenvolvimento integral do educando por parte daqueles que atuam no ensino de língua estrangeira, esta pesquisa foi proposta a partir dos seguintes objetivos:

- Analisar as relações entre gêneros representadas em livros didáticos de língua inglesa, a fim de constatar se tais representações reproduzem e legitimam ou questionam e contestam as relações de poder presentes na sociedade brasileira.
- Identificar os discursos ideológicos expressos por essas representações.

- Fornecer subsídios para uma reflexão crítica sobre o ensino brasileiro através da problematização da realidade retratada nos livros didáticos utilizados no ensino de língua inglesa e suas implicações para a formação dos(as) aprendizes que são expostos(as) a esses materiais.

Com o intuito de atribuir maior clareza o dar um direcionamento aos objetivos propostos para a investigação, foram estabelecidas as seguintes perguntas de pesquisa, as quais serviram para orientar a coleta e análise dos dados:

- Como as relações de poder presentes na sociedade são retratadas no livro didático de LE através das representações de gênero?
- Quais discursos subjazem essas representações e qual a sua relação com discursos ideológicos que circulam na sociedade?
- Quais as implicações dessas representações para o processo de ensino/aprendizagem de LE como parte da formação integral do(a) aprendiz?

Metodologia

A investigação, de caráter predominantemente documental e argumentativo, teve características qualitativo/interpretativistas, sendo desenvolvida em duas etapas distintas, porém complementares, levando-se em conta critérios previamente estabelecidos e os objetivos a serem alcançados. Foram elas:

Primeira Etapa

Nesta etapa inicial, paralelamente ao levantamento e revisão da bibliografia acerca do tema central da pesquisa, foram selecionados livros didáticos que seriam investigados. Decidiu-se, então, estudar as duas coleções de livros didáticos de língua inglesa as quais constam do Guia do Livro Didático do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o ano de 2011. São elas: 1. **Links – English for teens**. Editora Ática. Autores: Amadeu Marques e Denise Machado dos Santos; 2. **Keep in mind**. Editora Scipione. Autoras: Elizabeth Young Chin e Maria Lúcia Fernandes Abreu Zaarob.

Segunda etapa

O momento culminante desta etapa da pesquisa foi a análise de textos dos livros didáticos de língua inglesa. Os textos e atividades dos livros didáticos analisados para a coleta de dados foram selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- textos escritos ou imagéticos que tratam do tema investigado, ou seja, que abordam relações entre os gêneros masculino e feminino;
- textos que veiculam discursos ideológicos referentes a essa categoria social.

Os textos foram analisados seguindo a proposta de Fairclough (1989; 1995; 1992) para uma análise de discurso crítica (*Critical Discourse Analysis*). Em sua proposta, Fairclough enfoca a ligação entre língua e relações de poder, bem como entre discurso e mudança social. Ele vê o uso da língua como uma prática social em relação dialética com outros fatores sociais (FIGUEIREDO, 2000), ao mesmo tempo em que identifica três dimensões no discurso: o texto, a interação e o contexto social. Assim, “o uso e a interpretação dos textos em sala de aula são inseparáveis das relações sociais” (BAGNO ET AL., 2002, p. 141) e, portanto, “nenhum texto pode ser analisado isolado do contexto onde ele foi produzido” (HEBERLE, 2000, p. 142).

Análise dos dados

A pesquisa qualitativa tem como pontos culminantes a análise, a interpretação e a apresentação de resultados (PATTON, 1990). Assim, a análise dos dados coletados e selecionados para a pesquisa foi realizada de forma indutiva, paralelamente à coleta desses dados, levando-se em conta o modelo teórico que fundamenta a investigação, o qual serve de base para a coleta de dados, a análise, a interpretação e a explicação desses dados.

Fundamentação teórica

Quando se propõe identificar e analisar as relações de poder existentes em uma sociedade, faz-se necessário caracterizar essa sociedade quanto aos seus valores, os mecanismos políticos e ideológicos que sustentam esses valores, entre outros aspectos. No caso específico desta pesquisa, foram analisadas as relações de poder na sociedade brasileira, uma sociedade capitalista, dividida em classes sociais e na qual ainda prevalecem valores machistas. Nesse contexto, procurou-se identificar como e quando ocorrem as relações de poder e quem são os atores envolvidos nessas relações.

As reflexões teóricas aqui registradas foram desenvolvidas, originalmente, em pesquisa de doutorado na qual foram investigadas as formas de representação de gênero em livros didáticos de língua inglesa, seus reflexos na produção, reprodução e resistência a discursos ideológicos em sala de aula, e sua relação com discursos genderados/sexistas que circulam na sociedade brasileira (PEREIRA, 2007).

Discurso

Uma vez que o discurso constitui-se no tema central da presente pesquisa, faz-se necessário esclarecer o sentido em que o termo é empregado, ou seja, a concepção que se tem em mente quando se refere aos discursos presentes nos textos analisados.

O termo discurso, como é usado hoje na Linguística e em outras disciplinas das Ciências Sociais, foi desenvolvido pelo filósofo francês Michel Foucault e tratado por ele principalmente em obras como *Arqueologia do Saber* (1969/1972) e *A Ordem do Discurso* (1998). Na primeira, o autor, ao considerar suas contribuições aos significados da palavra discurso, afirma: “Eu creio que de fato eu acrescentei aos seus significados: às vezes tratando-o como o domínio geral de todos os enunciados, às vezes como um grupo individualizável de enunciados e às vezes como uma prática regulável que dá conta de um número de enunciados” (Foucault, 1972, p. 80).

A reflexão abaixo, apresentada por Foucault em *A Ordem do Discurso*, vem corroborar a visão de que o controle é inerente ao discurso:

(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 1998, p. 8-9)

O controle exercido sobre o discurso é, segundo Foucault, ao mesmo tempo externo e interno. Como formas de controle externo, o autor menciona o que chama de “procedimentos de *exclusão*” e cita como exemplo a “*interdição*” que, segundo ele, é o “mais evidente, o mais familiar também”: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (Foucault, 1998, p. 9). Outra forma de “exclusão”, para Foucault, seria a “separação” e a “rejeição”. Exemplos dessa forma de exclusão seria o discurso do louco, que “não pode circular como o dos outros” (p. 10), que evidencia a oposição entre razão e loucura. E, por último, o autor menciona um terceiro sistema de exclusão: “a oposição do verdadeiro e do falso” (p. 13), traduzido por ele como uma “vontade de verdade” que, assim como os outros sistemas de exclusão, “apoia-se sobre um suporte institucional” mas que, também, é “reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.” (p. 17).

Fiorin, por sua vez, chama atenção para a existência de uma estrutura interna no discurso que, para fazer sentido, deve ser organizado sintática e semanticamente de

forma a ser compreendido pelos interlocutores. Efeitos de objetividade e subjetividade estariam, assim, ligados aos “processos de estruturação do discurso”, que fazem parte da “sintaxe discursiva” (Fiorin, 2001, p. 17).

Para Orlandi (1998, p. 67), a sintaxe interessa ao analista de discurso no sentido de que, além de ser uma forma da linguística tratar da organização da língua, ela pode ser reconhecida como um “lugar de acesso à ‘ordem’ da língua”, ou seja, como um “efeito da ordem significante”.

Numa concepção mais abrangente, Fairclough (2001, p. 91), ao definir discurso, o faz a partir da noção de linguagem como prática social, e não uma atividade meramente individual. Essa posição, segundo o próprio autor, possui implicações quanto a características que podem ser atribuídas ao discurso, a saber: a) o discurso é “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”; b) há uma “relação dialética entre o discurso e a estrutura social” que, por sua vez, está também dialeticamente relacionada à prática social. O discurso, ao mesmo tempo em que é constituído socialmente, ou seja, “moldado e restringido pela estrutura social”, contribui para a constituição de todas as dimensões dessa estrutura.

Relações de poder e Ideologia

É importante, ainda, conceituar ideologia, um termo que ocorre com frequência na análise. Segundo Vincent (1995), Crespigny e Cronin (1999) e Chauí (1987), a palavra foi utilizada pela primeira vez na época da Revolução Francesa por Antoyne Destutt de Tracy e seus companheiros intelectuais liberais ligados ao *Institut de France*, para designar a ciência das ideias que tinha como tarefa “investigar e descrever a forma pela qual nossos pensamentos se constituem” (CRESPIGNY E CRONIN, 1999, p. 6). Ao se desentender com os liberais do *Institut de France*, Napoleão passou a chamá-los de “ideólogos”, dando à palavra ideologia a conotação que ainda carrega nos dias de hoje, ou seja, de acusação, em contraste com tudo que é realista. Mais tarde, já na década de 1840, com as primeiras obras de Karl Marx, que ligou a palavra ao sistema de crenças – geralmente mais implícitas do que explícitas – dos grupos sociais descritos por Hegel, e a disseminação de suas ideias, o termo adquiriu um significado mais abrangente, ou seja, de sistemas de crenças de grupos sociais.

Vincent (1995) relaciona quatro sentidos que o termo assumiu ao longo do tempo: o original, utilizado por de Tracy, de “uma nova ciência empírica das ideias”;

“afiliação a uma forma de republicanismo liberal secular”; o sentido pejorativo segundo o qual a palavra “implicava esterilidade intelectual e prática, assim como um radicalismo perigoso” e, “por último, e mais vagamente, foi introduzido em uma esfera mais limitada para denotar ‘doutrina política’ em geral” (p. 13-14).

Este último sentido está presente nas concepções de autores como Fiorin (2001), que considera ideologia “uma forma fenomênica da realidade, que oculta as relações mais profundas e expressa-as de modo invertido”. Propondo um avanço na visão marxista do tema, o autor define ideologia como uma “visão de mundo”, ou seja, o “ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social” (ibid.).

Bullivant (1995, p. 162), por sua vez, também propõe uma concepção de ideologia que alcance além da visão marxista, comumente associada ao termo, de relações de poder embasadas na divisão de classes. Ele adota a definição de Gould (1964, p. 315-16) segundo a qual ideologia seria “um padrão de crenças e conceitos tanto factuais quanto normativos, que procuram explicar fenômenos sociais complexos com uma visão de simplificar escolhas sociopolíticas que atingem indivíduos e grupos” (tradução nossa). Estes são, portanto, os conceitos que serão adotados neste estudo, sem, contudo, desconsiderar outras definições que os completam e complementam.

Ao analisarmos as relações de poder, estaremos analisando as práticas sociais que geram e são geradas por elas, numa relação dialética de causa-efeito. Para Kaplan e Lasswell (1998, p. 11) “o poder pode ser definido como a capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos modificar a conduta de outros indivíduos ou grupos da forma que quiser”. Bobbio (1999) refuta a concepção tradicional de que “o poder reside numa pessoa, numa restrita classe política ou em determinadas instituições colocadas no centro do sistema social”. Para ele, o poder encontra-se em toda parte, “como o ar que se respira”, sendo o sistema social “constituído por uma densa e complexíssima inter-relação de poderes” (p. 204). Assim, podemos concluir que as relações de poder encontram-se tanto no macro quanto no micro sistema social, permeando as práticas sociais em todas as instâncias públicas, privadas, institucionais e pessoais.

No âmbito social, o poder é exercido pelas classes dominantes, que justificam o seu poder não “exclusivamente pela sua posse de fato, senão que tentam encontrar uma base moral e legal para ele, representando-o como a consequência lógica e necessária de doutrinas e crenças que são geralmente reconhecidas e aceitas” (KAPLAN E LASSWELL, 1998, p. 159). Fairclough (1989) afirma que as práticas institucionais

assimiladas sem pensar refletem concepções que legitimam direta ou indiretamente as relações de poder existentes. Para o autor, as classes dominantes exercem o poder de duas maneiras: pela coerção e pelo consentimento. Esta última implica no convencimento de que suas ideias e valores são o melhor para os membros das classes dominadas. A esse consentimento e convencimento de que sua prática é universal e senso comum, Fairclough chama de “poder ideológico”.

Gênero, poder e ideologia

A discussão sobre os papéis sexuais esteve e está presente em diferentes organizações sociais, no decorrer da história. A partir do século XIX, Freud caracterizou esses papéis “como valor manifesto social, econômico, cultural e psiquicamente estruturado” (OLIVIER, 1986, p. 12). Ele o fez a partir de sua realidade, ou seja, dentro dos limites da sociedade burguesa do século XIX em que vivia, refletindo os valores e ideais da época, que via a mulher como ser inferior socialmente. Entretanto, ainda hoje, em pleno século XXI, esses valores e ideias se refletem na assimetria existente nas relações entre gêneros, as quais são permeadas por relações de poder sustentadas por ideologias amplamente difundidas em diversas instâncias da sociedade ocidental e em outras sociedades.

Na busca de conceituar gênero, encontramos em Heberle (2001, p. 98) a seguinte caracterização do termo, a qual consideramos importante para efeitos do estudo aqui proposto: “Gênero constitui uma categoria socialmente construída, que interage com outras variáveis socioculturais e contextuais, como nível de escolaridade, situação socioeconômica, idade, etnia, classe social, orientação sexual, filiação política e religiosa e relação de poder”.

Nessa mesma linha, Heberle (op cit) afirma que a desconstrução ideológica dos textos é uma preocupação da análise crítica do discurso. Ao analisar matérias alusivas a gênero veiculadas na mídia, a autora concluiu que essas matérias representam mulheres e homens em “categorias opostas, dicotômicas, numa relação de poder (...), apesar da heterogeneidade e diversidade de grupos sociais de homens e mulheres, (...) como se ambos pertencessem a categorias sociais homogêneas, independentes de variáveis como grau de instrução, etnia, orientação sexual, classe, situação socioeconômica, etc.” (p. 95).

Poynton (1989) afirma que a clássica interpretação marxista de ideologia como uma distorção da realidade a serviço da legitimação das relações de poder baseadas na

divisão de classes deve ser repensada a partir de teorias feministas que propõem a inclusão de gênero como uma base para a geração de ideologia, uma vez que as relações de poder presentes na sociedade não são embasadas exclusivamente em classes. Segundo ela, para compreender a construção social da realidade faz-se necessário identificar aspectos biológicos como gênero e raça como fontes de ideologia.

Na concepção de Louro (1999), mulheres e os homens feministas devem estar atentos às relações de poder que se inscrevem nas várias dinâmicas sociais em que tomam parte. A autora recusa o binarismo rígido nas relações de gênero, buscando uma problematização mais ampla e complexa, na qual tenham lugar as múltiplas e intrincadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia.

Este estudo pretende retomar e aprofundar essas questões, através da análise dos conflitos gerados pelas relações de poder exercidas no seio da sociedade brasileira, buscando compreender os mecanismos que sustentam essas relações no âmbito do ambiente escolar, mediante observação e análise dos materiais didáticos utilizados e das atividades propostas para a sala de aula de língua estrangeira.

Análise de dados

A) English for Teens

A análise dos dados coletados a partir do estudo proposto por esta pesquisa evidenciou que a coleção de livros didáticos de língua inglesa “English for teens”, recomendada pelo PNLD para adoção nas escolas de ensino fundamental a partir do ano de 2011 apresenta, através de imagens e textos, representações de relações de poder entre gêneros que, por vezes, questionam e outras vezes legitimam alguns discursos genderados veiculados socialmente.

No livro do sexto ano, por exemplo, as personagens femininas são ligadas a atividades predominantemente intelectuais, como música e leitura, enquanto as personagens masculinas são ligadas a atividades físicas e a esportes. No que se refere a aptidões nas áreas do conhecimento, os homens são relacionados às Ciências Exatas e, em contrapartida, as mulheres preferem as Ciências Humanas. Nas interações verbais reproduzidas no livro, as mulheres tendem a começar os diálogos mais vezes que os homens, embora muitas vezes elas apenas perguntem ou peçam informações. No âmbito dos esportes, os homens aparecem quantitativamente como quem mais os pratica, mas as mulheres praticam uma maior variedade de esportes. Quanto às profissões, as mulheres desempenham atividades como cantora, chefe de cozinha e atriz, entre outras

que não exigem grande esforço físico, e voltadas sempre para o aperfeiçoamento pessoal e familiar; já os homens ficam com trabalhos mais árduos, melhor remunerados e com mais exigências físicas, desempenhando um maior número de atividades.

No livro de sétimo ano, há uma queda quantitativa nas representações de relações entre os gêneros, a qual se acentua nos volumes seguintes, ocorrendo mais interações entre pessoas do mesmo gênero. Nas interações verbais, continua a predominância feminina na iniciação do diálogo e nas tomadas de turno. Quanto às atividades e aptidões intelectuais, estas seguem a mesma configuração do volume anterior, acrescentando apenas o tema “moda” associado à figura feminina. Nos esportes, as mulheres não têm nenhum destaque, uma vez que os homens praticam a grande maioria das atividades esportivas.

Nos volumes seguintes, do oitavo e do nono ano, é possível perceber algumas mudanças nas interações verbais, em relação aos volumes anteriores: os homens iniciam mais vezes os diálogos. Já no que se refere a esportes, assim como no sétimo volume, os homens desempenham mais atividades e com maior frequência, enquanto as atividades desempenhadas pelas mulheres continuam sendo aquelas predominantemente ligadas ao lar, compras, moda, leitura, canto e música.

Como em toda a coleção, as personagens e personalidades famosas que aparecem em algumas atividades são majoritariamente constituídas por homens ou personagens do gênero masculino. Nas relações pessoais entre os gêneros, as mulheres desempenham o papel afetivo, os homens se mostram mais sérios e responsáveis. E nas personagens fixas, ou seja, aquelas que aparecem desde o 6º até o 9º ano, não há contatos físicos em nenhuma das imagens, o que é incoerente com a realidade biopsicológica dos alunos.

B) Keep in Mind

No livro do 6º ano, em conversas entre meninos e meninas, geralmente o homem é quem toma a iniciativa, como na página 12, em que o menino (personagem masculina) se apresenta e toma a iniciativa de fazer as demais apresentações: no primeiro quadrinho ele se apresenta; no segundo quadrinho ele também é o primeiro a dizer algo; no terceiro quadrinho ele apresenta a professora; e no último quadrinho, Pedro apresenta Anita a Oscar, e novamente é quem inicia a conversação. Outros exemplos estão nas páginas 21 e 102. É importante ressaltar que isto não acontece somente neste livro, mas em todos os outros da coleção.

No mesmo livro, na página 24, a quantidade de personagens femininas é muito inferior à de personagens masculinas. Nessa seção, de dez personagens oito são homens e apenas duas são mulheres, e estas, quando aparecem, estão representando o papel de princesa muito ou de heroína. O mesmo acontece na página 36. Na página 93, a lição que trata de profissões mostra os homens desempenhando atividades de maior prestígio social e econômico que as mulheres. Nessa unidade, na maioria das vezes as mulheres são secretárias, professoras, donas de casa; já os homens são policiais, mecânicos, engenheiros etc. Quando os homens aparecem exercendo a profissão de cozinheiros, eles sempre são chefes, com seus chapéus típicos, e não ajudantes de cozinha.

No livro do 7º ano, página 14, mais uma vez é o menino quem inicia a conversação em um diálogo entre um garoto e uma garota; no segundo diálogo da mesma página, novamente o menino inicia a conversação. Na página 67, a mulher aparece sempre como estudiosa e, já na infância, desempenha tarefas domésticas como de cozinheira. Nesse livro, raramente as meninas se divertem como os meninos da mesma idade.

Ainda no livro do 7º ano, página 89, o texto evidencia uma relação de poder assimétrica entre os gêneros, na medida em que, nessa representação, a mulher aparece como turista em busca de ajuda e é um homem quem pode ajudar. Nesse livro, na unidade que trata de profissões, na página 108, as mulheres exercem profissões de menor prestígio e reconhecimento social e financeiro, como recepcionistas, atendentes, cozinheiras; já os homens aparecem exercendo profissões mais bem remuneradas e de maior prestígio tais como médico, policial, banqueiro.

Também no livro do 8º ano, na maioria das vezes o homem inicia a conversação, como para fazer um pedido em uma lanchonete; a mulher só faz o pedido se estiver sozinha, pois se estiver acompanhada quem faz o pedido é o homem, como mostram as situações reproduzidas nas páginas 34 e 37. Na página 101, o texto apresenta a mulher como um ser criativo, extrovertido e amigo, enquanto os homens são severos, inteligentes, sérios e introspectivos. Ao tratar novamente do tema profissões, na página 111, das 11 profissões mencionadas, todas são exercidas por homens e nenhuma por mulheres.

No livro de 9º ano, página 12, é reproduzido um diálogo entre um homem e uma mulher, sobre férias, em que quem inicia a conversa é o homem; o mesmo ocorre nas páginas 22, 34, 56 e 78. Assim, observa-se que quem sempre toma as iniciativas são os

homens. Na página 79, aparecem profissões de professores de diferentes áreas. Ali, as mulheres são professoras de artes e culinária e os homens são instrutor de tênis e treinador. Estas representações reforçam o discurso ideológico segundo o qual esporte e outras atividades ligadas à força física são coisas para homens e arte e culinária são coisas para mulheres. Corroborando este discurso, na página 81 aparecem personagens trabalhando na recepção: o homem fica no complexo dos esportes e as mulheres, na livraria. Na página 114, o texto que trata da linguagem do amor apresenta diversas cenas de amor em que a mulher aparece como um ser frágil e delicado.

Considerações finais

Observa-se, através da análise conduzida neste estudo, uma tendência muito forte e acentuada dos livros didáticos de língua estrangeira – inglês analisados em reproduzir e reforçar uma série de estereótipos que caracterizam os papéis femininos e masculinos, legitimando, na maioria das representações de relações entre gêneros, discursos ideológicos de cunho sexista que circulam na sociedade.

O que se deduz a partir das relações de poder que perpassam as relações entre gêneros nas representações dessas categorias sociais, é que o livro didático nem sempre retrata a realidade objetiva da sociedade brasileira. Ao contrário, esse material mostra-se, muitas vezes, retrógrado e conservador em relação aos avanços da sociedade no que se refere a funções e papéis sociais dos gêneros, ou seja, não retrata os traços de igualdade nessa área das relações humanas, igualdade esta alcançada ao longo do tempo e às custas de muita luta, principalmente das mulheres, mas também de homens que acreditaram e ainda advogam uma sociedade justa e igualitária, sem discriminações e outras formas de desigualdade.

A análise dos dados coletados a partir do estudo das coleções de livros de língua inglesa recomendados pelo PNLD evidencia que, na maioria das vezes, esses materiais didáticos servem como veículos de reforço e legitimação de discursos ideológicos conservadores e sexistas que, embora não representem a visão da maioria da população, ainda circulam na sociedade brasileira.

Refletindo sobre os efeitos dessa forma de apresentar conteúdos e propor reflexões sobre eles, quando essa proposta se faz presente, o que é raro acontecer, chega-se à conclusão de que essa atitude por parte dos materiais didáticos pode ter consequências maléficas para a formação dos aprendizes, uma vez que não colabora para o desenvolvimento de um senso crítico-reflexivo nesses sujeitos, levando-os a

assimilar sem nenhum questionamento traços da realidade os quais devem ser combatidos e contestados para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, o que é, afinal de contas, a tarefa primordial da educação.

Finalmente, chamamos atenção para a importância do papel de professores e outros profissionais da educação que lidam com esses materiais. A forma com que os conteúdos desses livros forem abordados em sala de aula é que vai possibilitar ou não a formação de contradiscursos por parte dos aprendizes. Portanto, cabe aos professores a tarefa de lidar de forma crítica e questionadora com os materiais que lhe são expostos, a fim de criar nos educandos a prática crítico-reflexiva sobre esses conteúdos e sobre a realidade social, política e histórica em que vivem.

Referências

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna**. Letramento, variação & ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

BOBBIO, Norberto. **As ideologias e o poder em crise**. 4. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

BULLIVANT, Brian M. Ideological influences on linguistic and cultural empowerment: an Australian example. In: TOLLEFSON, James W. (Ed.). **Power and inequality in language education**. New York: Cambridge University Press, 1995.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CRESPIGNY, Anthony de; CRONIN, Jeremy (Ed.). **Ideologias políticas**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Critical discourse analysis**. The critical study of language. New York: Longman, 1995.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Critical discourse analysis: towards a new perspective of EFL reading. **Ilha do desterro**. Nº 38, p. 139-154, 2000.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FOUCAULT, Michel. **The archaeology of knowledge**. Trad. Sheridan Smith, A. M. London: Tavistock, 1972 (primeira publicação 1969).

_____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 4. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.

GOULD, J. Ideology. In: GOULD, J.; KOLB, W. L. (Eds.). **A dictionary of the Social Sciences**. London: Tavistock, 1964.

- HEBERLE, Viviane. Questões de gênero e identidade no discurso da mídia. In: GRIGOLLETO, Marisa; CARMAGNANI, Anna Maria G. (Orgs.). **Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- HEBERLE, Viviane M. Critical reading: integrating principles of critical discourse analysis and gender studies. **Ilha do desterro**. Nº 38, p.115-138, 2000.
- KAPLAN, Abraham; LASSWELL, Harold. **Poder e sociedade**. 2. ed. Tradução de Maria Lucy Gurgel Valente de Seixas Corrêa. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- OLIVIER, Christiane. **Os filhos de Jocasta – a marca da mãe**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- ORLANDI, Eni Pucineli. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed. London: SAGE Publications, 1990.
- PEREIRA, Ariovaldo Lopes. **Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira: reflexos em discursos de sala de aula e relação com discursos gendrados que circulam na sociedade**. 2007. 280f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- POYNTON, Cate. **Language and gender: making the difference**. Hong Kong: Oxford University Press, 1989.
- VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.